

**Pesquisa
(Auto)Biográfica
Temas Transversais**

**Territorialidades: imaginário,
cultura e invenção de si**

Cleuza Maria Sobral Dias
Lúcia Maria Vaz Peres
(Orgs.)

1


Ediweb
Editora da UFRN


Ediupc
Editora da Universidade de Caxias do Sul

Capa: LG Studio graphique (Strasbourg) e Wilson Fernandes (Natal | RN)
Editoração eletrônica: CVY Consultoria e Empreendimentos
Revisão: Cleuza Maria Sobral Dias e Lúcia Maria Vaz Peres

Impressão e acabamento: **Especê**
Qualidade e inovação PNUD

FICHA CATALOGRÁFICA - Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes - CRB: 5/592

Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si / Organizado por Cleuza
Maria Sobral Dias; Lúcia Maria Vaz Peres . – Porto Alegre: EDIPUCRS;
Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012.
334 p. – (Coleção Pesquisa (auto)biográfica: temas transversais, 7.)

ISBN 978-85-7887-156-7 (COLEÇÃO)
ISBN 978-85-397-0240-4 (EDIPUCRS)
ISBN 978-85-7273-946-7 (EDUFRN)
ISBN 978-85-7887-164-2 (EDUNEB)

1. Educação - Congressos. 2. Autobiografia - Congressos. 3. Biografia
como forma literária - Congressos. 4. Literatura - História e crítica - Congressos.
5. Professores - Formação - Congressos. I. Dias, Cleuza Maria Sobral. II. Peres,
Lúcia Maria Vaz.

CDD: 370.11

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada
sem a autorização expressa das Editoras.



© Editora da UFRN – 2012
Av. Senador Salgado Filho, 3000
Lagoa Nova Natal/RN-Brasil
59.078-970
Tel.: (84) 3215-3236
Fax: (84) 3215-3206
edufrn@editora.ufrn.br



© Editora da PUCRS – 2012
Av. Ipiranga, 6681
Prédio 33 Caixa Postal 1429
Porto Alegre/RS-Brasil
90.619-900
Tel.: (51) 3320.3711
Fax: (51) 3320.3882
edipucrs@pucrs.br



© Editora da UNEB – 2012
Rua Silveira Martins, 2555
Cubula Salvador/BA-Brasil
41.150-000
Tel.: (71) 3117-5342
Fax: (71) 3117-2412
editora@listas.uneb.br
eduneb.secretaria@gmail.com

Impresso no Brasil, 2012

12| Sobre “O Cuidado de Si”, Formação e Experimentações Autobiográficas

Valeska Maria Fortes de Oliveira⁷⁰

Rapidamente nosso trajeto....

A participação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) no I Congresso International de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA) realizado em Porto Alegre, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e organizado pela professora Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, ocorreu por um convite especial a uma “mesa” em que tivemos a oportunidade de mostrar como vínhamos trabalhando com a história oral e a fotografia numa pesquisa interinstitucional, através de uma rede de investigação envolvendo professores de todos os níveis de ensino. A rede teve início em 1996 na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), e foi ampliada para outros estados do país, principalmente, através da consultoria que tivemos nesse momento do grupo coordenado pela professora Dra. Denice Catani na Universidade de São Paulo (USP).

Nestes anos tivemos os encontros com as produções acerca do campo biográfico e, mais especialmente, das Histórias de Vida e sua utilização como dispositivo na formação/ investigação com professores. Na continuidade dos Congressos de Pesquisa (Auto)Biográfica, fomos mostrando, nos trabalhos apresentados, os acréscimos que os pesquisadores que compõem o GEPEIS vinham realizando aos exercícios autobiográficos em todos os espaços em que o grupo era requisitado para trabalhar a formação com docentes e com outros profissionais. Através dos trabalhos encomendados para os congressos, a partir

⁷⁰ Professora da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.



de um espaço coletivo, simbolicamente configurado como um dispositivo de formação, fizemos inventários que reconstruíam nossos trajetos formativos como pessoas envolvidas na educação.

Através das Histórias de Vida, aproximamo-nos dos imaginários docentes tentando conhecer suas significações, seus movimentos, suas escolhas, seus trajetos, atravessamentos construídos pessoal e profissionalmente. O referencial do imaginário social viabiliza o conhecimento dos “trajetos antropológicos” (DURAND, 1989), os “matriciamentos” (PERES, 1999) produtores de subjetividades, mas também dos coletivos. A pesquisa de um “Si”, nesta perspectiva, vai sendo tomada por nós como possibilidade de diferenciação – a produção da diferença de novos traços. Sem desejar a cronologia e a linearidade dos fatos vividos, nosso movimento foi sempre o de conhecer “aquilo que faz sentido” e o que “não faz mais sentido”; aquilo, talvez, que foi vivido sem nenhuma busca de sentido, mas pelo vivido, pela vida como vontade de potência, como pontua Dias (2011, p.34) apresentando Nietzsche em sua proposição da vida como obra de arte: “A vida, como vontade de potência, como eterno superar-se, é, antes de tudo, atividade criadora e como tal é alguma coisa que quer expandir sua força, crescer, gerar mais vida”.



Além da idéia de preservar a si mesmo e se identificar com algo já dado, já oferecido pelos repertórios tanto da memória quanto dos condicionantes socioculturais do presente, nosso convite aos professores foi o de se utilizarem da memória como criação, como invenção, como vontade de potência. Assim, chegávamos a um trajeto que completava sua maioridade, então, muitos outros acréscimos e reencontros aconteciam: experimentações e exercícios autobiográficos nas aprendizagens ético-afetivas corporais pelas provocações de Spinoza, na produção do eixo da ética-estética de Michel Foucault, nas proposições de Nietzsche para pensar a vida e a própria formação a partir da arte, nos dispositivos grupais sinalizados por Souto e Fernandez, nas tramas de linhas de forças vivas produzindo acontecimentos, nos devires e singularizações pelas mãos de Deleuze e Guattari, e no próprio trajeto de um grupo inscrito





no campo do imaginário social, que olha, escuta, escreve e se inscreve pela lente simbólica num movimento de criação (Castoriadis).

No texto que segue, que se propõe sistematizar mais um de nossas aventuras autobiográficas, o título é uma sugestão do primeiro congresso que se intitulou *“A aventura (Auto)Biográfica: teoria e empiria* – nossa homenagem a este projeto.

Uma outra aventura autobiográfica...

A escrita e a oralidade se configuram como dispositivos de formação e autoformação no espaço formativo da educação. Nas pesquisas que temos realizado com professores na formação inicial, realizada no espaço da universidade e fora dele, operamos com a escrita como uma ferramenta que coloca os sujeitos implicados como “pesquisadores de si”. Tendo como referência dois conceitos operadores - o “cuidado de si” e “as tecnologias de si” -, tomados das reflexões de Michel Foucault (1995) nós os trazemos para o território da narrativa, tomando esta como um dispositivo onde o sujeito, provocado/implicado por um outro, se coloca num processo de experimentação de si.



A memória, tomada por nós como invenção, como criação, é acionada no sentido de reconstruir imagens, acontecimentos e experiências produtoras de pensamentos, potencializadoras da imaginação criadora à pessoa que se dispõe ao exercício da “escrita de si”. Operamos também com a memória-esquecimento de Nietzsche, na produção da narrativa como uma forma de “cuidado de si” - o esquecimento que se configura como necessidade para dar vazão a outras formas de vida. Quando falamos de um sujeito, referimo-nos a algo para além e muito longe de um sujeito unitário, mas bem próximo de um sujeito que se constitui através das práticas discursivas, que são sempre constituídas pelas redes de poder.

Pensando na possibilidade da experiência ética e estética – colocando a vida como “obra de arte” (Nietzsche) -, a escrita de si é uma experiência na qual o sujeito, a partir da máxima





“ocupa-te de ti mesmo”, pode produzir a invenção de si através de um movimento que o coloca na construção/desconstrução de acontecimentos, imagens e representações,

É com esta perspectiva e a partir deste movimento que temos utilizado a produção da narrativa de vida nos espaços de formação na universidade e fora dela, revisitando imagens, modelos, comportamentos, processos de socialização, valores e práticas docentes. A partir dessa experimentação de produção da narrativa, no movimento de relembrar e esquecer, podemos tentar criar outras possibilidades, outras referências na nossa construção como pessoas e como professores.

Na tentativa de pensar a escrita como aventura e como dispositivo, compartilho com Marques (2006, p. 41) quando diz:



Para o entendimento e melhor agenciamento do ato de escrever, esse recurso à psicanálise se fará mais convincente à medida que consiga ela desvincilar-se de sua tara de origem, isto é, do paradigma científico sob cuja égide nasceu, e à medida que se aproxime de um novo paradigma ético-estético, como o preconizado por Guattari (1993, p.183 -203), em que passa a primeiro plano uma relação de alteridade em processo, a criatividade implicando responsabilidade moral ampliada.



É a partir deste paradigma que pensamos na escrita como dispositivo, como é através dele, também, que pensamos a formação como um “cuidado de si”, em que alguns dispositivos são mobilizados, permitindo a experimentação de si como uma experiência que traz a questão da alteridade e do cuidado como uma implicação ética e estética da pessoa consigo e com o seu coletivo. No contexto das investigações que temos realizado, essa pessoa é o professor e o seu coletivo - a profissão. Os percursos no conhecimento de si, na experiência de se colocar no movimento da escrita, procuram visualizar e se apropriar dos percursos coletivos.

A relação consigo mesmo, com a presença do outro – o outro como intercessor –, é a experiência da viagem que reconstrói o presente que esquece, que nega, que se (re)visita. É a viagem por meio de um exercício do desassossego que está em “por-se”





a descoberto. A possibilidade de olhar repertórios, chegando à percepção de como nos tornamos ou vimos nos tornando o que somos, tem referência nos encontros com Michel Foucault,

[...] assim como ele fez, também ousar criar os próprios caminhos, fazer as próprias opções, construir e experimentar formas alternativas de subjetivação, inventar nos modos de vida, possibilidades de existência e convivência humana. Enfim, procurar a prática da ética do cuidado de si e dos outros, de fazer e de escrever histórias em uma vida na perspectiva de constituí-la como uma obra de arte. (TIMM, 2010, p. 47-48)

A indignação de Michel Foucault de que em nossa sociedade objetos são transformados em obras de arte e a vida, propriamente, não se constitui em obra de arte, toma inspiração em Nietzsche, que nos provoca a pensar a arte de criar a si mesmo como obra de arte, saindo da posição contemplativa e adquirindo hábitos e atributos de criador - ser artista de sua própria existência. Propondo pensar a vida como vontade de potência e mostrando que nosso modo de produção de valores se dá na abundância ou na carência de vida, Nietzsche nos convoca à criação. Dizer sim à vida, sim à criação, pensando na possibilidade de vivermos não como seres de adaptação, de sobrevivência, mas também com a necessidade da decisão do desvio, dos devires que nos colocam na intensidade do puro fluxo.

Num movimento de pensar outros usos da escrita de si, para além de uma forma de constituir uma representação de si, seja pela visibilidade ou pela descoberta do invisível, encontramos nas provocações de Pereira (2010, p. 135) sintonia no que chamamos “acréscimos” nas nossas aventuras autobiográficas:

Entretanto, a despeito dela consistir, em si, em uma representação, sua utilidade reside no fato de poder, ao resgatar a trilha dos acontecimentos, alimentar o potencial de diferenciação de si mesmo. Ou seja, ao escrever sobre si, mais do que reiterando uma identidade, estaremos registrando as marcas subjacentes a um estado de ser atual. Isso é importante na medida em que recupera a potencialidade dessas marcas (no sentido de conhecer algumas matrizes da minha identidade presente) e, de certa forma, predispomos-nos ao atravessamento pelas forças vivas do mundo, pelos acontecimentos.





A escrita como um processo de diferenciação de si mesmo

Como pesquisadores de – e através de – histórias de vida, chegamos às marcas, aos repertórios que os (as) professores (as) em formação vêm construindo ao longo de suas trajetórias pessoais, nos diferentes espaços/lugares e tempos formativos: a escola, a família, os grupos sociais. Movimentar dispositivos que possam dispor as pessoas a um tempo para si, exercitando um cuidado de si, gerou possibilidades para conhecer alguns matriciamentos e também a leitura de que “Ao sermos atraídos por um acontecimento, a estabilidade se abala e, se temos vivificadas as memórias, temos disponível o potencial de vir a ser algo diferente do que temos sido” (PEREIRA, 2010, p.135).

A formação, nessa perspectiva, toma o sentido do que Foucault (1995, p. 48) chamava de “Tecnologias do Eu”, ou seja:



[...] aquelas que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda dos outros, certo número de operações sobre seu corpo, sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.



Neste sentido, o autor nos mostra que tais tecnologias, na verdade, dependem de diversas formas de aprendizagem e, sobretudo, da mudança dos indivíduos não apenas em seu nível mais evidente. Ou seja, tal mudança deve dar-se não apenas no nível da aquisição de habilidades, mas na transformação de determinadas atitudes dos indivíduos.

Os processos em que as pessoas estão colocadas em reflexão consigo mesmas se açãoam como dispositivos do





“cuidado de si”⁷¹, da produção de si. Os registros trazidos na escrita pelo trabalho da memória - e também pelo esquecimento - trazem à tona os processos formativos significativos e as aprendizagens neles construídas. Nas narrativas percebemos os deslocamentos de sentidos numa trajetória pessoal e profissional, bem como os movimentos identificatórios – as identidades transformadas pelas experiências vividas em tempos/espacos distintos.

De posse dos materiais produzidos pelas narrativas, é possível questionar as marcas e os modelos, tanto de docentes quanto de práticas educativas, registrados e reelaborados pela memória, refletindo a partir da sua pertinência no tempo presente e das possíveis inéncias que não viabilizam movimentos capazes de instituir outras possibilidades de vida. Um grupo que mobiliza a vivência corporal, numa perspectiva também de experimentação, projeta possibilidades de criação, de invenção de si, a partir do que nossos corpos biográficos trazem. Pensando com Nietzsche na proposição da vida como obra de arte, temos o corpo como pensador. “Para Nietzsche, o homem se insere na vida pelo corpo. O corpo é que é o centro da interpretação e organização do mundo. O corpo é pensador. A crítica nietzschiana da metafísica implica a reabilitação do corpo” (DIAS, 2011, p. 50).

Visualizo também na experiência com corpos biográficos, no dispositivo grupal que se constituiu o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), encontros que aumentaram ou diminuíram a potência grupal e, ainda, a potência que cada um traz quando encontra outro corpo. O afeto é tomado na perspectiva spinoziana como ato de passar a uma perfeição maior ou menor. “Por isso, enquanto o indivíduo é sempre tão perfeito quanto ele pode, de um ponto de vis-

71 Sobre o uso deste conceito na pesquisa com professores, remetemos ao trabalho de KUREK, Deonir Luís e OLIVEIRA, Valeska Fortes de. O “cuidado de si” na produção da subjetividade docente. In: VASCONCELOS, José Gerardo e MAGALHÃES Jr., Antonio Germano (orgs.) Um Dispositivo chamado Foucault. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos – 5).





ta físico, do ponto de vista ético, ele pode aumentar ou diminuir sua potência” (ROCHA, 2010, p.210).

Nossas histórias são recriadas, revisitadas no sentido das referências construídas: temos recursos experienciais e também representações sobre escolhas, influências, modelos, formação de gostos e estilos, o que é significativo para a reflexão sobre o que somos hoje e como nos constituímos no que somos, bem como para as possibilidades autopoieticas que nos singularizam (ou não) como pessoas e professores.

Do conhecimento do que somos e como nos constituímos já estamos na possibilidade de experiência de si, da “tecnología del yo”, “en que um individuo actúa sobre sí mismo” (FOUCAULT, 1995, p. 49). Esta tentativa de entender como nos produzimos no que somos hoje é uma experiência que nos afasta de concepções que se dispõem a prescrever o que os outros devem ser. Ao contrário, propomo-nos a conhecer o que os outros - e nós mesmos - podemos ser a partir de determinados contextos sócio-culturais e, ainda, numa perspectiva de afirmação da vida como obra de arte, como vontade criadora, a possibilidade de nos diferenciarmos.

Na tentativa de produzir sentidos também para nossas vidas como pessoas e como professores, temos procurado escutar e escrever nossos desejos, nossos sonhos, nossas significações, tentando espaços possíveis de experimentações, deixando-nos atravessar por aquilo que temos investigado e, também, implicados a experimentar - como cartografias que se organizam valorizando o processo e não os resultados.

São os desenhos de relevos resultantes dos movimentos de linhas de força. Não é um mapa, representação estática, mas um delineamento dinâmico. As cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e indissociavelmente) que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro (PEREIRA, 2010, p.135).

A cartografia também tem sido um dos nossos acréscimos. As aprendizagens são de todas as ordens: a desconstrução da concepção de produtos finais sem prestar atenção ao proces-



so; a sensibilidade para acolher as demandas dos grupos sem impor uma proposta de formação previamente pensada; a incorporação de elementos não visíveis no momento da concepção/organização da proposta formativa durante o processo; a ampliação do olhar capaz de prestar atenção a minúsculos detalhes que passam despercebidos por uma concepção de pesquisa/formação que traz a priori o desenho do que deve acontecer, mesmo sabendo ser uma ficção; avaliação da nossa implicação e dos movimentos em nós, formadores, acionados pelo dispositivo, pelo grupo e pelas experimentações. Movimentos entre dois mundos distintos da arte: o apolíneo e o dionisíaco.

Justifica-se assim ser o ponto mais importante da estética nietzschiana do seu primeiro livro o desenvolvimento dos aspectos apolíneo e dionisíaco na arte grega, considerados como impulsos antagônicos, como duas faculdades fundamentais do homem: a imaginação figurativa, que produz as artes da imagem (a escultura, a pintura e parte da poesia) e a potência emocional, que encontra sua voz na linguagem musical. Cada um desses impulsos manifesta-se na vida humana por meio de dois estados fisiológicos, o sonho e a embriaguez são condições necessárias para que a arte se produza; por isso, o artista, sem entrar em um destes estados, não pode criar (DIAS, 2011, p. 86).

Acolher em desenhos cartográficos de formação/investigação experimentações autobiográficas com professores, na perspectiva da vontade de criação, de aumentar a potência pensando na vida como obra de arte, pode somar com a noção de cuidado de si, num movimento ético-estético e político. A apropriação que Michel Foucault faz das práticas gregas explica que não é por ser cuidado dos outros que ele é ético. “O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse ethos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros” (FOUCAULT, 2010, p.271).

Aqui, talvez, pudéssemos acrescentar na reflexão sobre a questão ética a proposição spinoziana sobre o nexo intrínseco entre liberdade e necessidade. Compartilho com Rocha (2010, p. 210) quando coloca:



A filosofia de Spinoza é uma ética (não uma moral) por ter desfeito o laço tradicional entre liberdade e vontade livre em favor do nexo liberdade e necessidade (a verdadeira oposição é entre necessidade externa e necessidade interna). Pois a liberdade não depende da vontade e daí que a regula (valores, bens, fins), mas da essência ativa dos indivíduos e do que dela deriva necessariamente.

Registro um apontamento sobre a utilização das produções de Michel Foucault no campo da pesquisa/formação autobiográfica, que toma conceitos e práticas de povos antigos - como as referenciadas neste trabalho - como produções que atravessam o tempo, mas que são lidas e problematizadas a partir do presente, sem deixar de considerar as condições de produção destas práticas. “Pois compreender a atividade do pensamento filosófico depende de captarmos o vínculo que ele possui com seu próprio tempo, mas também sua força de atravessar seu tempo em favor de um outro tempo, porvir” (ROCHA, 2010, p.198).



A experiência como um conceito operatório e articulador da narrativa

A análise arqueológica, complementada pela prática genealógica dos anos setenta, trazem a perspectiva histórica para o conceito de experiência em Michel Foucault. Até 1984, os conceitos de experiência e subjetividade estarão cada vez mais correlacionados. “É experiência que é a racionalização de um processo, dele próprio provisório, que termina num sujeito ou em vários sujeitos” (FOUCAULT, 1984, p. 137).





O conceito de experiência em Foucault, “aproximando-a de uma atitude histórico crítica, a partir da qual um indivíduo relaciona-se consigo mesmo e com os outros, consistirá um espaço de ação no qual serão constituídos sujeitos históricos segundo processos definidos historicamente” (NICOLAZZI, 2004, p. 104); estamos falando de um trabalho “histórico-crítico” (op. cit) sobre as relações que o indivíduo estabelece consigo, através das quais ele se reconhece e se produz como sujeito, tendo como referência os jogos de verdade dos quais faz parte. É o processo de subjetivação do indivíduo que, segundo Foucault (1984, p.12), “o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado”.

As “técnicas de si”, exercitadas a partir de uma “estética da existência”, tem referência tanto numa arte de governar os outros, no exercício de seu poder, como uma arte de governar a si mesmo, na prática da liberdade. A partir da noção de “regiões da experiência”⁷², Foucault nos permite pensar que os indivíduos - no processo de constituição de si mesmos enquanto sujeitos de uma experiência, - encontram maneiras diferentes de agir com relação ao “código de ação”. O indivíduo é levado a se transformar em sujeito moral da sua conduta. Segundo Foucault (1984, p. 28), “toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua”, não se restringindo o processo de subjetivação a uma tomada de consciência, mas à problematização daquilo sobre o que se pensa e mesmo sobre a forma como se pensa. A experiência, neste sentido, se constitui num campo onde uma ação se torna possível.

A genealogia de Foucault (1998) não opera com um sujeito constituinte, podendo este ser pensado fora de um campo de acontecimentos: “O sujeito não é mais que um acontecimento historicamente datado com seu começo no já começado e seu sempre iminente momento derradeiro, o qual somente aparece

⁷² “Regiões da experiência”, “eixos da experiência” – trata-se de um campo moral, historicamente determinado, que define as possibilidades de condutas a serem praticadas pelos indivíduos no que diz respeito ao seu ‘uso dos prazeres’. No caso de Foucault, a experiência da sexualidade concerne ao processo de subjetivação dos indivíduos, isto é, à constituição de si como sujeitos de uma prática moral.





no corpo social por meio de práticas de subjetivação” (NICOLAZZI, 2004: 108).

A narrativa que o indivíduo constrói sobre si é, então, a possibilidade de operar com uma técnica de reconstrução de um sujeito historicamente datado, a partir das relações e jogos de poder/saber que a sociedade e o tempo em que este produz a narrativa lhe permitem se movimentar. A experiência se configura também a partir da própria historicidade e dos limites temporais que a delimitam - “Em uma expressão, experiência é a dupla construção, a de histórias pelos sujeitos, a dos sujeitos nas histórias” (NICOLAZZI, 2004: 109).

Na superfície e na profundidade da narrativa, o indivíduo que se configura em objeto desta traz consigo territórios, paisagens, acontecimentos, sendo ele mesmo um acontecimento datado. É nisso que reside a potência transformadora da atitude genealógica: fazer “que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um “conhecimento verdadeiro”, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns” – tal é o que postula Foucault (1997) em um de seus cursos no Collège de France. Na possibilidade de pensar com Deleuze (1997), visualizo a experiência de escrever como um devir, um dispositivo que nos coloca frente ao inacabado e ao nosso inacabamento, sempre em via de fazer-se, extravasando qualquer matéria vivível ou vivida. Um exercício de pensar o presente em suas vivas condições de emergência. Jogar com a produção das verdades a favor da expansão da vida em sua potência criadora e, com isso, favorecer a transformação dos modos de existir.

No conversar com outros e conversar consigo, escrevo para pensar, como outra forma de conversar. Conversar com minhas lembranças e também com meus devires - possibilidades que se colocam na experiência da escrita. Nessa relação consigo, em que o pensamento é partilhado ou não, o esquecimento não é, segundo Feitosa (2000, p. 18) “desorientador ou desconcertante. Ao contrário, é nesse estado de suspensão das ocupações e dos valores estabelecidos que se abre a oportunidade para a decisão de tornar-se o que é.”





A escrita e o esquecimento

Em nossos trabalhos, as “pesquisadoras de si” têm sido, majoritariamente, as mulheres professoras ou as professoras mulheres. Lembro até hoje que, num dos primeiros projetos que realizamos numa escola municipal de Santa Maria, quando uma das professoras, colaboradoras do projeto, perguntou o que teria ela de tão importante para contar a uma pesquisa da universidade. O seu não dito dizia exatamente isso: o que uma pessoa-mulher-professora tão comum teria a contar? Um grupo social que até bem pouco tempo não tinha direito à instrução, nem mesmo direito ao voto. As mulheres ainda são predominantes no espaço da docência, construindo-se como profissionais, com todos os paradoxos presentes na cultura e na sociedade, como se isso fosse um *habitus* e elas estivessem, naturalmente, fadadas ao magistério. Joutard (2000, p. 33-34) nos lembra:

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o ‘indescritível’, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas ‘muito insignificantes’ – é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita.

Nos acréscimos que temos realizado nas experimentações autobiográficas, em espaços de formação com professores, a provocação tem sido uma escrita de si, introduzindo a fabulação na biografia exercitada na sua possibilidade de criação e imaginação, propondo, como diz Costa (2011, p. 31), um texto biográfico que não sistematiza, cronologicamente, uma vida,





“mas as vidas que se engendram e que tornam a biografia sempre aberta, produzindo saídas para as vidas mais aprisionadas”.

A fabulação, como um dispositivo de escrita de si, aciona a vontade criadora, a vontade de vida como vontade de potência. A possibilidade de se experimentar na intensidade de outros personagens, metamorfoseando a própria vida. Nos espaços em que a escrita de si é proposta aos professores, vemos que o “componente biográfico passa a ser compreendido como um empreendimento de saúde, naquilo que Viart (2002b, p.73) apresenta como “a invenção de si como se fora um outro” (COSTA, 2011, p.30).

Uma das constatações que temos chegado com o grupo é a possibilidade de invenção de si por uma concepção de formação ética e estética que movimenta com os sentidos, os gostos e com os comportamentos, para que a vontade de criação, a invenção da própria vida seja pensada por aqueles que têm se ocupado com a formação de uma nova geração nas nossas escolas, mas que também eles têm se sentido enfraquecidos, desautorizados simbolicamente.

Falávamos a pouco do esquecimento, pois este tem sido necessário e útil para dar vazão a outros acontecimentos, a novas experiências, a outras formas de vida.

Feitosa (2000, p. 11) lembra que a acepção dos termos apenas

Define a ‘memória’ como uma faculdade de reter conhecimentos ou experiências passadas e o ‘esquecimento’, por oposição, como a incapacidade de reter as informações, como um certo ‘deixar cair fora’ do controle (“esquecer” deriva-se do latim “cadere”, que quer dizer “cair”).

Como pensar, então, o esquecimento? Em que medida o esquecimento pode ser uma condição de possibilidade para o próprio pensamento? Com estas questões levantadas no trabalho de Feitosa (2000), intitulado “Da utilidade do esquecimento para a Filosofia”, encaminho minha proposição de pensamento





e registro, tentando pensar na utilidade do esquecimento na escrita de si.

Para além do trabalho da memória, estaria no esquecimento a possibilidade da escrita se configurar num exercício criativo da invenção de si. Na produção de Nietzsche (1874 apud FEITOSA, 2000), intitulada “Da utilidade e da desvantagem da história para a vida”, aquele autor nos propõe pensar que sua época sofria de um excesso de sentido histórico, de um fervor descontrolado pelo passado, de um exercício desmedido da memória.

Nietzsche (1874, p. 250 apud FEITOSA 2000, p. 16) nos leva a pensar que poder esquecer é a condição para a vida boa, e que “Quem não é capaz de se estabelecer na soleira do instante, esquecendo tudo que é passado [...], não saberá jamais o que é felicidade e, o que é pior, jamais será capaz de fazer com que os outros sejam felizes”. Para ele, o esquecimento é o fundamento de tudo o que é grande, portanto, é originário, é fundamento da possibilidade de criação, de invenção. A perspectiva histórica pode nos ajudar na preservação da vida, mas a dimensão não-histórica é a única com a possibilidade gerativa.

O sentido neste movimento – a escrita da narrativa – está na possibilidade de pensarmos nas marcas produzidas – o que fizeram conosco, para então pensarmos no que podemos, doravante, fazer por nós mesmos. Lembrar os tipos de pedagogias vivenciados por nós nos diferentes lugares pelos quais transitamos e o tanto que aprendemos destes lugares da docência. Mas o sentido também reside na possibilidade do esquecimento. Esquecer para poder dar passagem a outras formas de vida, de comportamentos que possam fazer sentido, que possam produzir significado.

Partilho também com Nietzsche (2005, p. 70) quando diz

Até que ponto o indivíduo pode se desligar do seu passado? Até onde for capaz? E se ele se der conta de que nesse passado atuavam falsos julgamentos e falsas considerações em favor de mera utilidade? E se percebermos que a auréola ao redor do bem e o brilho sulfuroso ao redor do mal desaparecem com ele? E se os motivos mais fortes, extraí-





dos da honra e da vergonha do próximo, não exerçerem mais nenhuma influência, já que ele pode contrapor a verdade a esse julgamento?

Numa palavra: é só através do esquecimento que a liberdade do homem pode se manifestar. O esquecimento que se coloca como necessidade para que outras formas de vida possam ser experimentadas, que os devires possam atravessar produzindo outras subjetividades. A liberdade de pensar e viver além do já vivido e dos aprisionamentos causados por possíveis ressentimentos, entendidos como “os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente estes os sentimentos e representações designados pelo termo ressentimento” (ANSART, 2004, p. 15).

Mas como pensar na tentação do esquecimento? É ainda Pierre Ansart (2004, p.31) que nos diz:



Marquemos a diferença entre o esquecimento dos fatos e o esquecimento dos ressentimentos. Por mais diversos e contraditórios que tenham sido os sofrimentos de cada um, pode-se afirmar que o indivíduo não esquece os fatos dos quais foi ator ou vítima, mas esquece-se ou, ao menos, aferra-se bem menos às lembranças dos ressentimentos.



Para Freud, por exemplo, seria ilusório pensar num mundo que erradicasse os ressentimentos pelas próprias pulsões inconscientes de amor e de ódio que nos constituem. Segundo a psicanálise, deveríamos duvidar de uma sociedade que fizesse desaparecer a experiência do ódio, do ciúme, da inferioridade, da humilhação. Na condição docente temos nos valido desta produção na proposição das experimentações autobiográficas e do cuidado de si.

Finalizo





A produção das narrativas de vida nos espaços e tempos em que a implicação com um dispositivo nos coloca frente às experimentações que provocamos nos nossos corpos e no de outros professores, que movimentam nosso pensamento na perspectiva cartográfica de pesquisa/formação, permite revisitar repertórios, representações sobre o “lugar” do professor e as figuras construídas em torno deste na sua vida, possibilitando problematizar modelos, práticas e comportamentos na perspectiva da produção de um professor e de uma pessoa que exercita o “cuidado de si”, enriquecendo-se, como nos diria Nietzsche, neste tempo e neste mundo. É um dispositivo que viabiliza, ainda, conversar com o próprio pensamento, colocar o pensamento em movimento.

Neste movimento, não somente reconstruímos nossas lembranças através do trabalho da memória e do atravessamento do esquecimento, mas potencializamos a possibilidade de refletir sobre modelos, perfis pessoais e profissionais que participam da nossa constituição de professor, na possibilidade mais radical, viabilizada pela imaginação criadora (preconizada por Gaston Bachelard em sua obras noturnas), de (re)inventarmos outras possibilidades redirecionando nossos trajetos pessoais e profissionais.

Diante da importância e necessidade de produzir uma escrita sobre sua história de vida nesse processo de formação, algumas pessoas são tomadas de diferentes sentimentos: seja a dificuldade de se autonarrar, de saber o que deve ser comunicado ao outro - tendo, sobretudo, de pensar sobre quem é esse outro -, além da necessidade do esquecimento. De qualquer forma, tais provocações são uma tentativa de produzir movimento - implicações com aquilo que pensamos ou que deixamos de pensar. É a possibilidade de (re)inventar a própria vida através da escrita. Pelo menos, dar passagem a outras formas de vida.

Neste momento, não me ocorre maneira melhor de finalizar este texto senão na companhia de Cecília Meirelles – ouçamo-la.

Reinvenção





A vida só é possível
reinventada.
Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo ... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.



Não te encontro, não te alcanço...
Só – no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só – na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
A vida só é possível
reinventada.

(Cecília Meireles, 1901 – 1964)



Referências

- ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (orgs.) *Memória e (Res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. S.P., Campinas: UNICAMP, 2004.
- BAREMBLITT, Gregório F. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- COSTA, Luciano Bedin da. *Estratégias Biográficas: biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche, Henry Miller*.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: 34, 1997.
- DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FEITOSA, Charles. Da utilidade do esquecimento para a filosofia. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel A.(orgs.) *Assim Falou Nietzsche II*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Hermeneutica Del Sujeto*. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. 2 ed. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.



FOUCAULT, Michel. 1926-1984. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Ética, sexualidade, política*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

JOUTARD, Philippe. Desafios da história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (org.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC-FGV, 2000.

KUREK, Deonir; OLIVEIRA, Valeska F. de. “O cuidado de si” na produção da subjetividade docente. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano. (org.) *Um Dispositivo chamado Foucault*. Fortaleza: LCR, 2002.

MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 1998.

MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2006.

MEIRELES, Cecília. *Cecília de Bolso: Uma Antologia Poética*. Porto Alegre: RS: LP&M, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sabedoria para Depois de Amanhã*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 101-138, jan./dez. 2004.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. *História Oral*. Recife: Associação Brasileira de História Oral, v. 8, n. 1, Jan./Jun., 2005.

_____. Implicar-se...implicando com professores: tentando produzir sentidos na investigação / formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino (org.) *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUC, 2006.

PEREIRA, Marcos Villela. Sobre Histórias de Vida e Auto-formação: um enfoque ético e estético. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) *(Auto)biografia e Formação Humana*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.





PERES, Lúcia Maria Vaz. *Dos saberes pessoais à visibilidade de uma Pedagogia Simbólica*. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: FACED/UFRGS, 1999.

QUEIROZ, André. *O presente, o intolerável ... Foucault e a história do presente*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

ROCHA, Maurício de Albuquerque. A alternativa spinoziana: uma pedagogia da recompensa imanente. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete Medianeira; ROSSATO, Noeli Dutra. *Diferença, Cultura e Educação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

TIMM, Edgar Zanini. A vida como uma obra de arte: pensando em histórias de vida. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) *(Auto)biografia e Formação Humana*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

